

TEATRO DA
TRINDADE
INATEL



UM PAÍS QUE É A NOITE

DE TATIANA SALEM LEVY E FLÁVIA LINS E SILVA COAUTORIA E ENCENAÇÃO MARTIM PEDROSO

COM EXCERTOS DE JORGE DE SENA E SOPHIA DE MELLO BREYNER



Martim Pedroso

“A poesia e a política têm de andar de mãos dadas”

Entrevista **Sónia Castro**

Como surgiu a ideia para este espetáculo?

A ideia surge com os 50 anos do 25 de Abril, uma data tão importante para o nosso país e para a democracia. Nessa altura, comecei a investigar o que gostaria de fazer dentro desse tema. Há já algum tempo que estava a cogitar uma colaboração com a escritora luso-brasileira Tatiana Salem Levy sobre o tema das ditaduras, desde que o Brasil estava sob o governo do Bolsonaro. Depois deixou de estar, e, em Portugal, a extrema-direita foi ganhando cada vez mais votos. Entretanto, eu tinha lido um pequeno texto teatral que foi encomendado à Tatiana e à Flávia Lins e Silva, pelo próprio neto da Sophia, o Martim Sousa Tavares, no contexto do centenário de Sophia de Mello Breyner. Esse seria o ponto de partida para um outro texto, do qual viria a resultar este trabalho. Pensei que faria sentido falarmos da relação profunda de amizade, carinho e respeito de dois poetas fundamentais da resistência antifascista em Portugal e, dessa relação, construirmos um manifesto sobre poesia e liberdade, num contexto da celebração dos 50 anos da democracia.

Esse texto incluía já um diálogo entre Sophia de Mello Breyner Andresen e Jorge de Sena?

Sim, e por isso interessei-me logo por ele. Parte do texto já estava escrito pela Tatiana e pela Flávia. Eu acrescentei cenas, dei-lhe mais algumas nuances, fui buscar mais cartas da correspondência do Jorge e da Sophia. Foi assim que acordámos que seria uma escrita a três.

Já tinha alguma ligação com estes dois poetas?

Em 2015, estreei *Lúcia Afogada*, interpretado pela Dalila Carmo, um espetáculo muito especial a partir do conto *A Gata Borralheira* e alguns poemas da Sophia de Mello Breyner. Foi a primeira vez que mergulhei seriamente no universo desta poeta. Confesso que, a partir daí, fui desbravando o universo dela e lembrando-me, cada vez mais, da minha infância. Reencontrei o LP *A Menina do Mar* e o livro de contos *Histórias da Terra e do Mar*, e vieram-me à memória frases e personagens perdidas. O universo de Jorge de Sena era mais desconhecido para mim, como, aliás, para a maior parte dos portugueses. As únicas obras que conhecia do Jorge eram *O Físico Prodigioso* e as peças em um ato compiladas no *Mater Imperialis*. Mas sim, fala-se muito da Sophia e muito menos do Jorge. Na correspondência deles, essa é uma questão. Apesar de ter sido um poeta extraordinário, ele nunca foi devidamente reconhecido, quando vivo, pela elite literária e pela comunidade de leitores contemporâneos dele.

Este encontro de despedida terá realmente acontecido?

Que saibamos, desta forma, não existiu. As autoras ficcionaram um último encontro destes dois poetas e uma interrupção dessa despedida por dois agentes da PIDE. Isto é, por si só, um *plot* dramático muito atrativo, que serve de pretexto ou alavanca para o nosso manifesto. A única coisa que sabemos é que o Jorge e a Sophia eram amigos

próximos e que tinham uma enorme admiração profissional um pelo outro. E sabemos disso pelas cartas que trocaram entre 1959 e 1978, desde o exílio do Jorge até à sua morte.

Há algo que vos tenha surpreendido nestas cartas?

Estas cartas são polémicas, porque, sendo desabafos, alguns deles até muito íntimos, acabam por revelar a emburrância que eles tinham com alguma esquerda. Num contexto em que celebramos os 50 anos do 25 de Abril e em que certas verdades sobre a revolução são tidas como absolutas, qualquer observação menos concordante com a extrema-esquerda é tida como reacionária ou de índole fascista. Tanto a Sophia quanto o Jorge eram antifascistas declarados, mas discordavam de certos métodos populistas e demagógicos dessa luta, por parte de alguns elementos da extrema-esquerda. Isso lido ou dito hoje, numa sociedade polarizada, pode causar alguns anticorpos, é certo, tendo em conta que sabemos a importância que a extrema-esquerda teve em todo o processo revolucionário. Mas não esqueçamos que antes da revolução houve todo um percurso e uma tentativa de reorganização política e social por parte dos grupos revolucionários que, muitas vezes, falhava na forma extremista e policial. Para mim, uma das frases mais importantes destas cartas foi escrita pela Sophia: “Creio que não se pode criar, em nome do antifascismo, um novo fascismo.” Uma ideia muito bonita que também fica depois da leitura das cartas é de como a Sophia sempre procurou proteger o Jorge perante a comunidade intelectual portuguesa e o quão ela tentou divulgar a sua obra dentro e fora de Portugal.

A leitura das cartas terá sido essencial para conhecer mais profundamente os dois poetas. Houve a preocupação de os retratar fielmente ou, pelo contrário, mais livremente?

Essa é uma boa pergunta, porque pode haver a tendência para as pessoas

pensarem que vão ver a Maria João Falcão ou o Rui Melo a interpretarem de uma forma mimética estes poetas. Seria superficial se o fizéssemos, parece-me. Não quis caricaturar ou construir muito as personagens de uma forma exterior. Há um certo realismo no género e na linguagem, sim, que leva a uma aproximação visual nos figurinos e em certos gestos, mas a ideia sempre foi que eles fizessem o trabalho de dentro para fora: que se apropriassem inteiramente dos discursos que foram construídos para serem lidos e não para serem representados. Todo o texto mais teatral escrito pelas autoras e por mim serve-se de uma coloquialidade eficaz para se poderem encrustar os discursos mais poéticos ou políticos dos poetas: o tal manifesto. O que me interessou foi pensar que tudo aquilo podia ser dito hoje.

Podemos dizer que *Um país que é a noite é teatro político*?

É, mas mais do que político, arrisco-me a dizer que é teatro de intervenção, porque, para mim, o que eles faziam era poesia muito próxima da intervenção, num período de resistência. E, no contexto em que vivemos, eu coloco facilmente este espetáculo no lugar de um teatro de intervenção, porque o que ele pretende é passar uma mensagem política e humanitária através das palavras. É um teatro poético também. Há uma associação da poesia à política. Uma das teses da própria Sophia de Mello Breyner é que a poesia e a política têm de andar de mãos dadas, porque é através da poesia que a política se torna justa. A poesia consegue chegar à dimensão humana mais essencial. A poesia ajuda a defender a verdade, porque se aproxima da verdade dos seres humanos, daquilo que os envolve, além da sua dimensão racional, prática e material.

O espetáculo não termina sem lembrar que hoje a liberdade está em risco.

Sem dúvida. É assumidamente um espetáculo que põe as pessoas a

pensarem no momento presente, no aqui e no agora em Portugal, na Europa, na América, no mundo. Acabámos de assistir a um retrocesso ideológico brutal com a reeleição do Trump, com a maioria do eleitorado na América. Vivenciámos, em direto, durante mais de um ano, o genocídio do povo palestiano, a indiferença mundial por parte dos grandes grupos económicos e a consequente subjugação das grandes potências que dependem desses grupos. No ano passado, sentaram-se na nossa assembleia 50 deputados do partido da extrema-direita e, desde então, vivemos num circo de ódio e intolerância, que cresce a cada dia. Então, neste momento,

parece que o mundo se reorganiza para um lado assustador que ameaça, cada vez mais, as nossas democracias, e há uma sensação clara de impotência relativamente a isso. Como artista antifascista, não consigo viver este momento da História e silenciar. E a forma de não silenciar é pôr isto nos meus espetáculos, seja de que forma for. No fundo, arranjo pretextos para construir manifestos sobre liberdade: os meus espetáculos são sobre isso e este não foge à regra. Acho fundamental não esquecermos o passado nem as palavras e as ideias revolucionárias que já foram pensadas antes de nós. É aí que eu sinto que tenho alguma utilidade neste *métier*.





SALA ESTÚDIO . A PARTIR 6 FEV . QUA A DOM 19:00

UM PAÍS QUE É A NOITE

O espetáculo parte de um diálogo ficcional entre dois dos maiores poetas portugueses, Sophia de Mello Breyner Andresen e Jorge de Sena, horas antes deste último fugir para o Brasil. No ano de 1959, Jorge de Sena, procurado pela PIDE, marca um encontro secreto com a sua amiga Sophia para se despedirem, mas o encontro é interrompido por dois agentes. A peça situa-se entre o drama histórico e o teatro documental e desenha um Portugal anacrónico e polarizado entre os que amam a poesia e os que a desprezam; entre os que pensam e os que cumprem ordens; os que querem ser livres e os que temem o medo do desconhecido – a iminência de uma revolução democrática.

Um retrato distante da contemporaneidade, mas que se aproxima, cada vez mais, do que nos ameaça diariamente: este pensamento em forma de pesadelo antecipado de que tudo pode, rapidamente, repetir-se num regresso ao terror dos velhos tempos de privação da liberdade individual.

De Tatiana Salem Levy e Flávia Lins e Silva

Coautoria, encenação e espaço cénico **Martim Pedroso**

Com excertos das obras de **Jorge de Sena e Sophia de Mello Breyner Andresen**

Com **João Sá Nogueira, Maria João Falcão, Martim Pedroso e Rui Melo**

Caracterização e figurinos **Noé**

Apoio ao espaço cénico **Rueffa**

Desenho de luz **Ricardo Campos**

Sonoplastia **Carlos Morgado**

Música ao vivo **Rui Melo**

Vídeo **Rita Casaes**

Operação de som, luz e vídeo **Ana Machado e Rui Santos**

Fotografia cartaz **Pedro Macedo – Framed Photos**

Fotografia de cena **Alípio Padilha**

Produção executiva **Joana Margarida**

Coprodução **Teatro da Trindade INATEL, Nova Companhia e Galeria da**

Biodiversidade da Universidade do Porto / Casa Andresen

Apoio **República Portuguesa – Cultura / Direção Geral das Artes e Comissão Comemorativa 50 anos 25 de Abril**

CONVERSA COM O PÚBLICO . 23 FEV . APÓS O ESPETÁCULO



TEATRO DA TRINDADE INATEL

Direção Artística **Diogo Infante** Direção Executiva **Hugo Paulito**

Secretariado da direção **Elisabete Duarte e Rita Martins** Tesouraria **Inês Figueiredo**

Produção **Andreia Rocha e Maria Cancela** Comunicação **Raquel Guimarães** (Coordenadora), **Adriano Filipe e Sónia Castro** Núcleo de cena **Nuno Pereira** (Coordenador) Direção de cena **Pedro Viegas e Rosário Vale** Iluminação **Pedro Gonçalves e Renato Charrua** Som **António Oliveira e Rui Santos** Palco **Raquel Caetano e Tiago Areia** Bilheteira **Beatriz Reis e Luísa Oliveira** Manutenção geral **Vítor Albuquerque e Filipe Bastos** Técnicas de limpeza **Helena Gameiro** (Encarregada), **Elsa Fernandes e Fernanda de Jesus** Portaria / Vigilância **Carla Aniceto e Protecção Total**



www.teatrotrindade.inatel.pt



MÉDIA PARTNER TEATRO DA TRINDADE INATEL



M12
2025

PARCEIROS TEATRO DA TRINDADE INATEL

fonte viva

o menino

telpark



NO

pluril

protoplasmica